

Leia a posteridade, ó pátrio Rio,
Em meus versos teu nome celebrado;
Por que vejas uma hora despertado
O sono vil do esquecimento frio:

Não vês nas tuas margens o sombrio,
Fresco assento de um álamo copado;
Não vês ninfa cantar, pastar o gado
Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo banhando as pálidas areias
Nas porções do riquíssimo tesouro
O vasto campo da ambição recreias.

Que de seus raios o planeta louro
Enriquecendo o influxo em tuas veias,
Quanto em chamas fecunda, brota em ouro.

Cláudio Manuel da Costa,
Obras, 1768

Teoria e Debate

REVISTA BIMESTRAL DA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO • NÚMERO 82 • ANO 22 • MAIO/JUNHO 2009 • R\$ 12,00



JUCA FERREIRA
Os interesses
da Cultura,
segundo
o ministro



Crise
Governo contra-ataca
com moradia para baixa renda